

ARTISTA-AUTISTA: Arte como ato criativo e não como terapia

AUTISTIC-ARTIST: Art as a creative act and not as therapy

ARTISTA-AUTISTA: El arte como acto creativo y no como terapia

Fernanda Galindo de Oliveira¹

Marcos Antônio Bessa-Oliveira²

Kelly Queiroz dos Santos Oliveira³

RESUMO: Essa pesquisa tem como intuito investigar as relações de uma pessoa neurodivergente, principalmente autistas, sendo artista de Teatro e como as características dessa deficiência afetam o fazer e o criar artístico, de modo que cheguem ao ponto de serem considerados diferentes pelas formas diversas de processar e sentir o mundo. Sendo escrita por uma pessoa autista e TDAH, cursando licenciatura em Teatro, quero poder abrir caminhos para reflexões e escuta sobre não somente as minhas vivências como Artista-Autista, mas de várias outras pessoas que também experivenciam essa mesma questão. Mesmo a Arte sendo, em sua maioria, “democrática”, com acesso à diferentes corpos, ainda têm notáveis pontos de falha na acessibilidade, levando em consideração que essa área e o resto do mundo não foram feitos para pessoas neurodivergentes e pessoas com deficiência (PCD). Portanto esta pesquisa busca investigar como nossos corpos neurodivergentes se relacionam com esse mundo sendo um corpo dissidente que segue sofrendo tentativas de “normalização” e perguntando como seria o nosso próprio “normal” dentro da produção artística e na área da educação. O trabalho tem como caminho metodológico a perspectiva descolonial para entender de onde vem essa raiz de padronização dos artistas e arte-educadores ao trazer autores como Marcos Bessa-Oliveira e Walter Mignolo; para entender como trabalhar esses corpos com o trabalho de percepção corporal utilizo a pesquisa de Klaus Vianna e para pensar aproximações com esses sujeitos no ensino de Arte, utilizo dos estudos da professora Kelly Queiroz. Tenho como objetivo analisar não somente as minhas *experivivências*, mas as de outras pessoas neurodivergentes nessa mesma situação. O objetivo ainda é o de produzir pesquisa de pessoas autistas para pessoas autistas, nós mesmos falando dos nossos próprios corpos e pesquisas, manifestando assim mais locais de representatividade para outras pessoas com TEA, trazendo maior visibilidade para as nossas vivências.

PALAVRAS-CHAVE: Autista; Teatro; Neurodivergência; Artista,

¹ Fernanda Galindo de Oliveira, é Acadêmica de Teatro Licenciatura da UEMS - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL. E-mail: galindo.fernanda011@gmail.com.

² Professor Doutor e Orientador Marcos Antônio Bessa-Oliveira.

³ Professora Mestra e Orientadora Kelly Queiroz dos Santos Oliveira.

ABSTRACT: This research aims to investigate the relationships of a neurodivergent person, particularly an autistic person, as a theater artist and how the characteristics of this disability affect artistic creation and practice, leading to the point of being considered different due to the diverse ways in which they process and experience the world. Written by an autistic person with ADHD, pursuing a degree in Theater, I hope to open avenues for reflection and listening not only about my experiences as an Autistic Artist, but also about those of many others who also experience this same issue. Even though art is, for the most part, "democratic," with access to diverse bodies, it still has notable gaps in accessibility, considering that this field and the rest of the world were not designed for neurodivergent people and people with disabilities (PWD). Therefore, this research seeks to investigate how our neurodivergent bodies relate to this world, a dissident body that continues to suffer attempts at "normalization," and to question what our own "normal" would look like within artistic production and education. The work's methodological approach is a decolonial perspective, which aims to understand the origins of this standardization of artists and art educators by incorporating authors such as Marcos Bessa-Oliveira and Walter Mignolo. To understand how to work with these bodies through the work of body perception, I draw on the research of Klaus Vianna, and to consider approaches to these subjects in art education, I draw on the studies of Professor Kelly Queiroz. I aim to analyze not only my own experiences but also those of other neurodivergent individuals in the same situation. The goal is also to produce research by autistic people for autistic people, with us speaking about our own bodies and research, thus revealing more spaces of representation for other people with ASD and bringing greater visibility to our experiences.

KEYWORDS: Autistic; Theater; Neurodivergence; Artist,

RESUMEN: Esta investigación busca indagar en las relaciones de una persona neurodivergente, en particular una persona autista, como artista teatral y cómo las características de esta discapacidad afectan la creación y la práctica artística, llegando a ser considerada diferente debido a las diversas maneras en que procesa y experimenta el mundo. Escrito por una persona autista con TDAH, estudiante de Teatro, espero abrir caminos para la reflexión y la escucha no solo sobre mis experiencias como artista autista, sino también sobre las de muchas otras personas que también experimentan esta misma problemática. Si bien el arte es, en su mayor parte, "democrático", con acceso a cuerpos diversos, aún presenta brechas notables en accesibilidad, considerando que este campo y el resto del mundo no fueron diseñados para personas neurodivergentes y personas con discapacidad (PCD). Por lo tanto, esta investigación busca indagar cómo nuestros cuerpos neurodivergentes se relacionan con este mundo, un cuerpo disidente que continúa sufriendo intentos de "normalización", y cuestionar cómo sería nuestra propia "normalidad" dentro de la producción y la educación artísticas. El enfoque metodológico de este trabajo es una perspectiva decolonial que busca comprender los orígenes de esta estandarización de artistas y educadores artísticos, incorporando autores como Marcos Bessa-Oliveira y Walter Mignolo. Para comprender cómo trabajar con estos cuerpos a través del trabajo de la percepción corporal, me baso en la investigación de Klaus Vianna, y para considerar enfoques de estos temas en la educación artística, recurro a los estudios de la profesora Kelly Queiroz. Busco analizar no solo mis propias experiencias, sino también las de otras personas neurodivergentes en la misma situación. El objetivo también es producir investigación de personas autistas para personas autistas, donde hablemos sobre nuestros propios cuerpos e

investigaciones, revelando así más espacios de representación para otras personas con TEA y dando mayor visibilidad a nuestras experiencias.

PALABRAS CLAVE: Autista; Teatro; Neurodivergência; Artista.

INTRODUÇÃO: saindo da caixa

Neurodivergência é uma formação neurológica considerada “atípica”, é o termo utilizado para aquelas pessoas que possuem um padrão neurológico que não é considerado “normal” transtornos como o transtorno do espectro autista (TEA) e o transtorno do déficit de atenção (TDAH). A origem do termo “Neurodivergência” está no momento sendo reconsiderada, mas atualmente entendemos que ela teria sido utilizada pela primeira vez pela socióloga Judy Singer como um sinônimo de biodiversidade biológica.

O TEA é uma deficiência do neurodesenvolvimento, como diz Villar (2022, p. 121):

O autismo é a expressão de uma organização neurológica diversa, ou seja, a maneira que o cérebro e todo o sistema nervoso se desenvolveu é diversa, os caminhos dos neurônios, a organização das redes neurais, as áreas cerebrais mais dominantes e as menos dominantes, tudo isso é constituído de maneira diversa, junto ao desenvolvimento do ser, pois é sua forma de desenvolvimento e, portanto, inseparável do próprio ser.

Portanto, suas características diversas são consideradas dentro da sociedade, em geral, como “diferentes”, o que gera preconceitos, mas são essas individualidades que fazem a pessoa autista como uma pessoa com deficiência, devido às sensibilidades e limitações que o transtorno pode causar.

Os critérios de diagnósticos do DSM-5, que é o O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5 que são utilizados para considerar uma pessoa com TEA, são:

As características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D) (American Psychiatric Association, 2014, p. 53).

E são essas características que constituem uma pessoa autista que geram possíveis dificuldades na realização de práticas teatrais. O critério A, que pode dificultar o entendimento de comandos e direções necessárias, o critério B pode tornar mais difícil a adaptação a um único método de absorver novas informações, e os critérios C e D podem estimular a pressão de não se sentir adequado com as pessoas ao seu redor, sendo essas as especificações que tendem a segregar as pessoas autistas das práticas teatrais.

A problemática dessa pesquisa é desmistificar preconceitos e estereótipos com relação às pessoas autistas e expor que podemos estar na área artística sendo pessoas com deficiência e, na fase adulta, por isso o meu desejo de fugir da ideia de Teatro como terapia. Essa é, para mim, uma pesquisa relevante, pois dialoga diretamente com a minha vida sendo eu uma pessoa autista, artista e adulta, mostrando que a minha existência dentro da arte também é válida mesmo que não seja em uma tentativa de normalização da minha deficiência.

“AUTISTAS CRESCEM”: produzindo e existindo na arte

Dentro da minha vida social acadêmica existe essa frase, “autistas crescem” que permeia muitos diálogos, e penso ser pertinente começar esse tópico com ela, pois é uma boa síntese do que tenho a dizer.

Para começar a discussão acerca do título deste, gostaria de explicar o porquê falo sobre isso dentro da minha pesquisa. Um dos principais assuntos a serem pesquisados neste trabalho do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), é o apagamento de artistas autistas adultos na sociedade em geral, mas principalmente no lugar onde deveríamos existir de forma plena que é a arte, por aquelas pessoas que tentam definir a Arte como um único padrão de realização.

Levando em consideração que somos pessoas com deficiência, historicamente é comprovado que há uma grande tentativa de nos colocar como inferiores, e um dos motivos para que isso aconteça são os estereótipos ligados

à pessoa com TEA, sendo eles uma forma até mesmo capacitista de ver essa deficiência, pois tem o intuito de nos encaixar em uma maneira única de sermos. Um desses estereótipos, que é a problemática que quero trazer nesta pesquisa, é a visão social comum de se ver a pessoa autista apenas na imagem de uma criança ou uma imagem infantilizada, ou seja, quando o autismo é tema de discussão, é, em sua grande maioria, direcionado para crianças ou adolescentes, como se nós, adultos autistas, não existíssemos. Um exemplo é o famoso termo “anjo azul” que trata a pessoa com TEA em um padrão de inocência, infantilidade e fragilidade, e o azul provoca uma outra discussão, que é acerca do preconceito de que só existam pessoas do gênero masculino com TEA, informação já contestada por pesquisas em diversos sites de que dialogam sobre o transtorno como no site “Autismo Realidade” que diz:

Novas pesquisas apontam que ‘preconceitos sexuais dificultam o diagnóstico de mulheres. Estes preconceitos incluem a própria forma como o autismo é tradicionalmente definido e também os instrumentos de diagnóstico padronizados e a metodologia de pesquisa’ (2020).

Mas não me alongarei sobre esse assunto, em geral a consciência de autistas na infância é muito mais compartilhada, seja em propagandas comerciais ou no conhecimento de senso comum, portanto, quando se é uma pessoa adulta autista, a sociedade tende a questionar a nossa deficiência, chegando ao ponto de serem preconceituosas por não entenderem que autistas crescem e continuam tendo o transtorno.

A ARTE PODE SER TERAPÊUTICA, MAS NÃO É TERAPIA

Baseado nessa visão de que só existiriam crianças autistas, essas crianças, ou quando citados, adolescente e adultos, são segregados em sua maioria para o lugar de tentativa de normalização, ou seja, a ideia de que a pessoa autista tem que estar sempre em desenvolvimento para se encaixar na sociedade neurotípica. Uma das formas de fazer isso é usando o Teatro, como se reduzindo essa linguagem como processo terapêutico para o desenvolvimento de habilidades neurotípicas, como diz Victória Strasser (2023, p. 10):

Em detrimento da exploração destas singularidades, a cultura neurotípica prioriza a construção de uma narrativa de superação de problemas para os indivíduos que não correspondem ao padrão neuronormativo, apontando aspectos particulares e intrínsecos destes sujeitos como incapacidades que precisam ser subjugadas. Trata-se de um viés capacitista que diminui o valor de algumas pessoas na sociedade e, por consequência, as segrega. Este fator contribui para que estes indivíduos sejam forçados de forma farmacológica, comportamental e social a abandonar e suprimir seus traços particulares em favor da assimilação social, ao invés de um comprometimento dos e das educadoras-pesquisadoras com a mudança de percepção social sobre a temática.

Portanto, colocar a pessoa autista nesse lugar é tentar limitar a sua existência por ter uma deficiência; é tentar fazer as pessoas com TEA serem iguais a pessoas neurotípicas; é tentar nos encaixar dentro de um padrão do qual não fazemos parte.

Além dessa tentativa de normalização, a ideia de que a Arte sirva somente como processo de desenvolvimento segrega não somente as pessoas, mas também a própria Arte, reduzindo-a como uma ferramenta. O distanciamento do Teatro como forma de produção artística para pessoas autistas confronta diretamente a ideia do Teatro como “terapia”. A minha proposta não é afirmar que o Teatro ou a terapia não sejam utilizadas para autistas como forma de auxílio, até mesmo porque sou uma pessoa que pode dizer e que as mesmas trabalham juntas para uma melhora, e por ser essa pessoa que experienciou esse processo, quero com este trabalho mostrar que autistas também podem estar no Teatro como produtores e criadores de Arte com e não somente como fazedores de Arte enquanto terapia.

PRESENÇA AUTISTA E SUA DIVERSALIDADE DENTRO DAS NORMATIVAS

Para entendermos a diversidade precisamos primeiro entender o porquê existe essa divisão entre a normatividade colonial, para isso utilizo do pensamento do professor Marcos Bessa-Oliveira (2020)

Primeiro é porque a diferença colonial permite reconhecer-se indiferente das categorias, ainda que fazendo parte, de uma forma ou

de outra, de grupos que estejam ilustrados por uma só delas: homem fático; branco caucasiano; e elitista (político, econômico, histórico, geográfico e até cultural); que ainda deve ter crença cristã (católico e/ou crente-cristãos não-católicos), e ser falante de uma das línguas oficiais ocidentais – inglês, francês, espanhol, italiano, alemão ou português – e não de um dos dialetos que têm menor importância; além disso, esses indivíduos ainda devem ter autenticada sua verdade pela ciência cartesiana que separa a razão e a emoção. Para ser humano como aqueles é preciso pertencer a este conjunto de normas e regras que estabelecem a razão moderna.

A presença de pessoas autistas pode ser muito incômoda para aquelas pessoas que estão acomodadas às normativas de como devemos existir pré-estabelecidas de coisas que podem parecer até mesmo simples e pequenas. Um exemplo está na forma de se movimentar, já que o Teatro é uma Arte de corpo, de movimento o tempo que uma pessoa autista leva para o entendimento de uma dinâmica, entre outras situações, mas o que incomoda, principalmente, são aqueles autistas que questionam o motivo pelo qual as normativas estão estabelecidas da maneira como são. Uma das primeiras coisas que reparei após o meu diagnóstico do autismo foi que, aos olhos sociais, o mundo não foi feito para mim, para o meu corpo e a minha deficiência, eu não pertencço a esse mundo tanto quanto as outras pessoas, a minha forma de ser que é considerada “esquisita” porque aos olhos sociais de pessoas neurotípicas, eles que são os “normais”. Isso faz com que eu me pergunte diariamente: porque eu sou a pessoa diferente? Para mim eu é quem sou a pessoa normal, mas a questão da sociedade é que eu não sou parecida com aquela imagem estabelecida de um corpo da perfeição em todas as suas áreas, já que somos esse “corpo sôma”. Essa perfeição está, por exemplo, vista na forma como se vê se, algo ou alguém não é produtivo o suficiente e por isso, não é digno de ser socialmente “normal”, que é de onde vem a palavra deficiente, da “insuficiência” e “incapacidade” de ser como as outras pessoas são dentro de um padrão de “normalidade”. E eu pergunto: a minha deficiência não foi feita para esse mundo ou o mundo não quer a minha deficiência por que entra em conflito com a ideia de “perfeição” dele?

Inúmeras vezes já escutei comentários capacitistas dentro e fora de locais artísticos, mas eles são motivados principalmente pela falta de conhecimento sobre o TEA e, também, por esta ser uma deficiência oculta, que são aquelas deficiências que não são perceptíveis ao olhar. A normativa que existe sobre pessoas PCD está ligada diretamente à ideia de “anormalidade”, “esquisito” e “estranho”, por isso ao olhar para uma pessoa autista e não enxergar que ela também é “diferente” fisicamente automaticamente acaba por invalidar nossa deficiência. E, para ilustrar isso, vou citar um trecho de um texto que escrevi sem nenhum intuito acadêmico, mas que descreve o que sinto. O contexto em que ele foi escrito se deu após eu ter uma crise de ansiedade por ter pego um ônibus lotado, o que me trouxe muitos estímulos, e ninguém cedeu um lugar para mim, mesmo eu estando identificada com o cordão de girassol e de quebra cabeça³, e ter falado em alto e bom som que era uma pessoa autista: As pessoas não me enxergam, elas escolhem não me ver, me torno invisível, a minha dor se torna invisível, eles escolhem. Só porque você não vê a minha deficiência não significa que ela não exista, ela está aqui comigo todos os dias e você fingir que não vê não vai fazer ela desaparecer. Esse trecho explica boa parte do que sinto ao ver que, não só como no episódio dentro do ônibus coletivo, mas dentro da própria arte, que é a parte do mundo que mais gosto, não está preparada para o meu corpo, ela não foi feita para mim. Por esse motivo, tento construir com essa pesquisa e outras pesquisas futuras, um lugar que seja para todo mundo que se pareça comigo, trazendo uma reflexão de um trabalho que se constrói aos poucos levando em consideração as diversas camadas que leva esse estudo.

Desde criança eu era aquela pessoa que questionava tudo, perturbava minha mãe com inúmeras perguntas e isso não mudou até os dias de hoje, pois continuo questionando todo o mundo a minha volta. Não entendia porque as

³ O cordão de girassol é para identificar deficiências ocultas amparado pela Lei nº 14.624/2023, a qual o autismo se encaixa. O cordão de quebra cabeça é para identificar pessoas com o transtorno do espectro autista amparado pela Lei 1.181.2023. O cordão de girassol ainda pode ser pouco conhecido pela maioria das pessoas, mas em grande parte dos ônibus da minha cidade tem placas sinalizando o cordão de quebra cabeça para pessoas com TEA falando que por Lei todos os assentos dos ônibus são preferenciais para pessoas autistas, Lei 12.764/2012.

coisas funcionam como funcionam, e, ao entrar na faculdade, vi que existiam pessoas que faziam essas mesmas perguntas e não só isso, que existem estudos e teóricos que pesquisam os meus questionamentos, que são pessoas pesquisadoras da perspectiva decolonial. Confesso que isso mudou a minha vida. Aprender a ver que o meu mundo é uma construção daqueles que moldam tudo de acordo com a sua própria ideia de "perfeição" é algo que te muda para sempre, e penso que não poderia ficar quieta sem falar sobre como a perspectiva colonizadora exclui quem eu sou: "descolonizar é reconhecer-se e reconhecer o mundo, a arte e a cultura às quais nos cercam. Do mesmo jeito é reconhecer sujeitos, espaços e produções como/de lugares epistêmicos" (BESSA-OLIVEIRA; NOLASCO, 2017, p. 884).

O decolonial é um estudo intrínseco à minha pesquisa, pois a perspectiva colonial de ver o mundo é o que fez a minha deficiência ser vista como "anormal", mas hoje entendo "meu corpo outro que também produz conhecimento, eu que tenho um corpo não-cartesiano" (SANTOS, 2020, p. 166). Portanto, utilizar da perspectiva decolonial é mostrar que o meu corpo com deficiência também pode estar presente no mundo da produção artística, mesmo que a estrutura do mundo diga que não.

O preconceito gerado pelo colonial, a ideia do corpo perfeito, não me impede mais de ver o meu corpo como produtor de Arte, pois "Sou consciente de um conhecimento localizado em meu corpo que está fora do padrão moderno" (FARIA; BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 11). Mas esse discurso homogeneizador ainda impede muita gente de ver o meu corpo dessa maneira porque esse padrão cartesiano "desqualifica e deslegitima outros corpos como saberes, que promoveu aquele corpo hegemônico ao lugar de dominante" (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 73). Por causa desse padrão e da ideia de que existiria somente uma maneira de se ver e ser o corpo padrão do mundo, é que meu corpo se torna "estranho".

EXPERIVIVÊNCIAS EM SALA DE AULA: aproximando a pesquisa da prática corporal

Como maneira de executar minha pesquisa de forma prática (quando digo práticas é no sentido de práticas de movimentação, já que a teoria também é uma prática corporal, visando a não separação do corpo e da mente), escolhi ministrar uma das aulas da matéria do curso de Teatro "Didáticas e metodologias do ensino do Teatro II". A professora regente nos deu a oportunidade de testar com a turma aulas que gostaríamos de lecionar para ver seu funcionamento em ação. A minha aula teve como foco um processo para diversas pessoas, sendo neurodivergentes ou não, pois uma aula visando somente o público neurodiverso acaba se tornando uma segregação, que é uma experiência que o meu projeto não se vincula pois a separação da comunidade PCd já mostrou de forma histórica que não é funcional para nós. Portanto, a aula foi montada com procedimentos que atingissem a todos os públicos, principalmente aquelas pessoas iniciantes no fazer teatral, sendo essa questão somente uma ideia platônica, já que a minha turma já está no terceiro ano do curso. A aula foi dividida nas seguintes etapas:

1 - Como primeiro passo para tornar o ambiente acessível, criei um formulário online para que todas as pessoas da turma pudessem responder se elas têm alguma dificuldade em aulas práticas, se algo existe algum incômodo e o que ajudaria a aula ser mais acessível, sendo essa uma pessoa neurodivergente ou não, e se caso fosse uma pessoa neurodivergente, dizer qual transtorno teria para assim, eu saber lidar melhor com a pessoa em suas particularidades.

2 - Em uma segunda tentativa de acessibilidade, antes de iniciar a aula por completo, expliquei aos alunos o que iríamos fazer durante a aula, quais seriam as dinâmicas e atividades, dessa forma trazendo uma melhor previsibilidade para aqueles alunos que precisam de uma visão mais ampla da aula para se prepararem melhor, diminuindo a ansiedade.

3 - Para tornar o ambiente mais acolhedor, sensível e mais leve para socialização, foram utilizadas músicas em volume baixo para não criar muitos

estímulos sensoriais. A música tem o poder de tornar o ambiente mais seguro e essa sensação pode deixar os alunos mais confortáveis com a aula.

4 - Para conseguir acessar os acadêmicos durante a aula foi perguntado antes, depois e durante de qualquer dinâmica se todos estavam se sentindo bem, se estavam confortáveis e relembrando que, em qualquer momento, poderiam me acionar em caso de um grande desconforto.

5 - Utilizando da pedagogia do Teatro da Viola Spolin escolhi alguns jogos teatrais para fazer esse processo em etapas, portanto, cada jogo tinha um motivo para estar nessa ordem:

I - Objetos com o corpo:

Esse jogo tem como objetivo colocar os alunos para se conhecerem, socializarem mas em um grupo menor para a socialização não ficar tão assustadora, assim a sala foi dividida em dois grupos com o intuito de cada grupo escolher um objeto para representarem em conjunto e a outra equipe teria que adivinhar que objeto era esse. Desse modo a ação de socializar passa a estar em um segundo plano já que eles têm que se esforçar para interpretar o objeto escolhido Um dos objetos representado foi uma Máquina de Ursinhos ou também conhecida como 'Grua', segue um registro do momento na imagem abaixo.

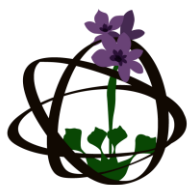


Figura 1
fonte: arquivo pessoal da autora.

II - Jogo da cadeira:

Após um jogo para iniciar a socialização foi escolhido um jogo para mostrar que essa interação com os colegas é um lugar seguro, que estar ali não é um lugar de insegurança e sim confiança no próximo. O jogo da cadeira consiste em nomear cada pessoa com um número e pedir para que andem pelo espaço, porém vou sempre solicitando que eles andem em diversas velocidades sendo mais lento, devagar ou normal, e, para trazer esse aspecto de confiança, aleatoriamente irei falar um dos números que cada pessoa representa. Esse número (pessoa) deverá cair, mas os colegas devem tentar impedir antes dela chegar no chão, mostrando como confiar nos seus colegas e também passar segurança aos outros.

III - Transformação de objeto

Essa etapa tem a finalidade de trabalhar a individualidade e exposição do indivíduo, mas de uma maneira que a exposição não seja o foco principal e que seja feito um trabalho em grupo, para que seja um processo mais tranquilo e não um choque de ter que estar sozinho da frente para muitas pessoas. Por esse

motivo o jogo acontece da seguinte maneira: em roda vai ser passado para os alunos um objeto por vez - na sala foram usados um apagador de quadro, uma garrafa d'água, um guarda-chuva e um tênis -, e eles deverão, de forma individual, transformar aquele objeto em qualquer outro objeto que não seja o original, como por exemplo um tênis que foi transformado em uma boneca por uma acadêmica, segue o registro na imagem 2.

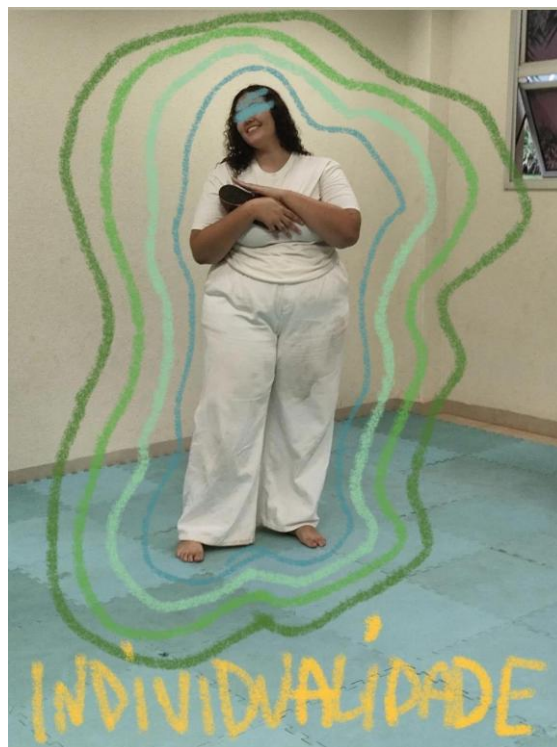


Figura 2

Fonte: arquivo pessoal da autora.

IV - Só perguntas:

Para trabalhar de modo mais explícito com a interação e exposição, levei esse jogo que consistia em eles se separassem em duplas para que, em uma sequência aleatória, eles fossem para a frente dos demais colegas conversar em um diálogo que só podia ser feito com perguntas, sem afirmações ou negações. Por exemplo, uma pessoa da dupla pergunta "Você sabe se vai chover hoje?" e a outra responde "Já choveu, você não olhou lá fora?", se essa última frase fosse

dita com um tom de afirmação a dupla perdia o jogo e passava para os próximos colegas, assim a interação não vira o único foco para aquela pessoa que tem receio de conversar com os demais pois está focada em fazer uma pergunta para não perder o jogo.

5 - Perto do fim, escolhi conversar com a turma sobre alguns termos, como o que é neurodivergência, o nome das crises de pessoa autista e como identificá-las, pois como acadêmicos de um curso de licenciatura, é importante a compreensão dessas palavras.

6 - E para finalizar, realizei uma roda com os alunos abrindo espaço para apontamentos e *feedbacks* sobre a aula, onde foram comentadas algumas frases como: "Acho importante você compartilhar mais sobre esse assunto, pois como futuros professores, infelizmente ainda não temos conhecimentos suficientes sobre esse assunto"; "Achei a aula didática e divertida". Além desses apontamentos, foram feitas algumas perguntas sobre como ajudar uma pessoa autista, e sempre me baseei em responder com a frase "Nunca impeça a pessoa de sentir todos esses sentimentos, nunca tente parar esse sentir", pois sendo um local artístico vejo que o Teatro busca esse lugar da sensibilidade do corpo, desse sentir. Não seria justo tentar abafar os sentimentos de uma pessoa que está em crise, pois os sentimentos estão ali para serem sentidos, mesmo que não seja de uma forma que todos estão acostumados a ver. Por fim, observei como a aula foi destrinchada e fiquei feliz ao ver como a acessibilidade pode existir de diversas maneiras para diversas pessoas, sendo elas neurodivergentes ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: (re)verificando o artista autista

Neurodivergência é a maneira "atípica" de um funcionamento neurológico. Ao longo da minha pesquisa foi me feita a seguinte questão: "Você não acha que a palavra neurodivergência e os laudos não fazem mais diferenciação entre as pessoas consideradas neurodiversas e neurotípicas?". De início a pergunta pode

soar até mesmo grosseira, porém, entendo o questionamento e concordo com ele em partes, concordaria ainda mais se estivéssemos em uma visão de mundo “ideal” sem um sistema moldando o como deveríamos viver nossa própria individualidade. Mas, enquanto estivermos em uma sociedade que só entende o funcionamento do corpo cartesiano e externos diferenciar de “normativas” criadas pelos olhos sociais, e o laudo e as palavras, como a neurodivergência for a maneira de nos proteger de tentativas de apagamento social, continuarei defendendo essa diferenciação e continuarei questionando: “normal para quem? Diferente para quem?”, pois para mim essa ideia de conforto da normatividade não é confortável para todo mundo, então, por que deveríamos seguir um caminho de desconforto?

Podemos existir sem sofrer tentando nos encaixar na neurotipicidade, portanto, essa pesquisa teve como pilar estudos de como acessibilizar a Arte para pessoas neurodivergentes, assim instigando que outras pessoas neurodiversas também pesquisem e escrevam sobre o nosso local (e a falta dele) no Teatro, para mostrar que resistimos e lutamos pelo nosso lugar.

A Arte é utilizada, no contexto de pessoas neurodivergentes, como uma forma de terapia, mas é importante ressaltar que isso não significa que pessoas autistas podem estar nesse meio somente em uma tentativa de “desenvolvimento” de um padrão de funcionamento biológico. Pessoas autistas e neurodivergentes estar presentes como artistas, como criadores de Arte, pois toda pessoa é capaz de produzir Arte, cultura e conhecimento, independentemente de sua neurodivergência e/ou deficiência, o Teatro também é nosso lugar.

Utilizo do meu lugar de privilégio em poder estudar em uma universidade pública e estudando o descolonial para poder continuar reivindicando meu lugar de (re)-existência, tomando um lugar para todos aqueles que precisam de espaço para existir. Afirmando que sou um corpo com deficiência, sou um corpo político, sou um corpo de resistência, sou um corpo de referência, sou um corpo artista, meu

corpo existe e resiste enquanto a minha Arte continuar viva (OLIVEIRA, 2024) e enquanto eu ainda precisar gritar para ser escutada meu papel aqui não vai estar cumprido.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. (2014). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**, 5ed. São Paulo: Artmed.

BESSA-OLIVEIRA, M. A. Arte. Natureza. Corpo. Biogeocorpografias de vidas e de mundo: Arte. Naturaleza. Cuerpo. Biogeocorpografías de las vidas y del mundo. **Revista Cocar**, [S. l.], n. 23, 2024. Disponível em: <<http://177.70.35.171/index.php/cocar/article/view/7937>>. Acesso em: 16 out. 2024.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Pedagogias da diversidade. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, MS, v. 1, p. 61-86, jan./jun., 2019.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; NOLASCO, César. Biogeografia – Descolonizar O Ser, Sentir E Saber Para A Transmissão Do Conhecimento nas Artes Visuais, Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. In: **Anais do 26o Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 883-898.

HADERCHPEK, Robson. **A POÉTICA DA DIREÇÃO TEATRAL O diretor-pedagogo e a arte de conduzir processos**. Natal, RN: EDUFRRN, 2016.

Há diferenças entre homens e mulheres com autismo?. Autismo e Realidade, 30 jul. 2020. Disponível em: <<https://autismoerealidade.org.br/2020/07/30/ha-diferencas-entre-homens-e-mulheres-com-autismo/>>. Acesso em: 29 maio 2025.

FARIA, Juliano Ribeiro; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. CORPO ESTRANHO: O DESAMPARADO QUE ENCONTRA SUA POLÍTICA DE SER. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 37, n. 37, p. p.396–415, 2019. DOI: 10.19179/2319-0868.661. Disponível em: <<https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/661>>. Acesso em: 19 out. 2024.

MUÑOZ, C. M. **ATUAÇÃO DE PALHAÇOS/PALHAÇAS COM CRIANÇAS AUTISTAS: : UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA**. MORINGA - Artes do Espetáculo, [S. l.], v. 13, n. 2, 2022. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/65094>>. Acesso em: 16 out. 2024.

MILLER, Jussara Corrêa. **A escuta do corpo: sistematização da técnica Klaus Vianna**. São Paulo: Summus, 2007.

OLIVEIRA, Fernanda Galindo. **A estranheza do corpo artista-autista**. Campo Grande, MS, 2024.

PINTO, Júlia Paula Motta de Souza; JESUS, Adilson Nascimento de. **Transformação Visão de Corpo na Sociedade Ocidental**. Motriz, Jul-Dez 2000, Vol. 6, n. 2, pp. 89-96.

STRASSER, V. **Teatro e a Neurodiversidade: Análise de metodologias de ensino/criação com pessoas neuro divergentes**. Trabalho de conclusão de curso (curso de licenciatura em Teatro) - Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, p. 40. 2023.

SANTOS, Lucas Wendel Silva; CAMARGO, Erica Daiane Ferreira; GIVIGI, Rosana Carla do Nascimento. EDUCAÇÃO TEATRAL E O USO DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA: UMA PROPOSTA PARA CRIANÇAS COM AUTISMO. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 55, n. 55, 2023. DOI: 10.19179/rdv.55i55.1211. Disponível em: <<https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1211>>. Acesso em: 19 out. 2024.

SANTOS, Kelly Queiroz. **CORPO QUE É, FALA, SENTE, DANÇA**: experiências de um corpo produtor de arte, cultura e conhecimento. 2020. V.1, p. 157-178. Cadernos de estudos culturais. Campo Grande, MS, 2020.

TEATRO & DANÇA, R.; **Educação Somática**: seus princípios e possíveis desdobramentos; [Marcia Strazzacappa]. Repertório, [S. l.], n. 13, p. 48–54, 2012. DOI: 10.9771/r.v0i13.4013. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/4013>>. Acesso em: 16 out. 2024.

American Psychiatric Association. (2014). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**, 5ed. São Paulo: Artmed.

VILLAR, Fabio C. C. E. Hermes nos campos de Apolo: desidealização e excentricidade na paternidade neurodivergente. **Junguiana**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 119-132, 2022. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252022000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 out. 2024.

STRASSER, V. **Teatro e a Neurodiversidade: Análise de metodologias de ensino/criação com pessoas neuro divergentes.** Trabalho de conclusão de curso (curso de licenciatura em Teatro) - Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, p. 40. 2023.